



Eu ouço a Virgem: a experiência mística de Almeida Prado em Medjugorje

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: MUSICOLOGIA

Eduardo Manoel Lustosa dos Reis
UNICAMP – *eduardomlustosa@gmail.com*

Carlos Fernando Fiorini
UNICAMP - *fiorini.carlos@gmail.com*

Resumo. Várias obras do catálogo de Almeida Prado (1943-2010) fazem menção a aspectos místicos, sendo essa uma característica do compositor. Este artigo pretende reunir contribuições do campo literário sobre a concepção e materialidade da mística e documentar o relato do compositor sobre sua experiência em Medjugorje (1987).

Palavras-chave. Mística; Música Sacra; Almeida Prado; Medjugorje;

Title. I hear the Virgin: Almeida Prado's mystical experience in Medjugorje

Abstract. Several works from Almeida Prado's catalog (1943-2010) mention mystical aspects, making this a characteristic of the composer. This article aims to gather contributions from the literary field on the conception and materiality of mystique and document the composer's account of his experience in Medjugorje (1987).

Keywords. Mystique; Sacred Musica; Almeida Prado; Medjugorje;

1. Introdução

Eu já estava todo mergulhado em Deus e me lembro que tinha sete anos e queria ser santo. Não sabia o que era isso, mas ficava quieto e queria pensar em Deus. Aí eu ia para debaixo de uma árvore e ficava alguns minutos ou mesmo meia hora tentando rezar completamente vazio, quer dizer que fazia a oração mais zen sem saber o que era... (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

A obra de José Antonio de Almeida Prado (1943-2010) é intensamente marcada pelo uso de temáticas místicas e religiosas. Mesmo sendo um católico confesso, se constata em diversas composições o seu livre e desprendido movimento entre diferentes crenças. Tal fato se exemplifica ao citar algumas de suas obras como: *Sinfonia dos Orixás* (1985); *15 Flash 's sonoros de Jerusalém* (1990); *O Livro de Ogum-Oba* (1991); *As sete últimas palavras do Crucificado* (1989); *Thérèse, L'amour de Dieu* (1973); *O Rosário de Medjugore* (1987/2002); *O Livro mágico do curumim* (1978); além de 7 missas, 9 ave-marias, diversos trechos bíblicos.

Ao transitar com suas composições por essa temática, Almeida Prado se relaciona com a mística que, por sua vez, tem sido durante vários séculos uma das principais discussões de saberes como a filosofia, antropologia e teologia, antes mesmo de haver a constituição desta palavra enquanto substantivo.

Contudo, pelo recorte que nos é necessário, levantaremos neste artigo algumas das contribuições teóricas sobre mística no campo literário junto da entrevista de Almeida Prado em 1988 sobre sua experiência na composição do Rosário de Medjugorje.

2. A Mística – Conceção e Fenômeno

Segundo SCHWARTZ (2005), a terminologia “mística” tem origem na segunda metade do século XVI, sendo sinônimo de mistério e de algo oculto. Embora não seja encontrada nos livros bíblicos, a mística é encontrada nos escritos da patrística como um caminho para adentrar os mistérios da divindade. Tais exemplos são Clemente de Alexandria, Pseudo-Dionísio e Santo Agostinho, ambos fortemente influenciados pelo platonismo da escola de Alexandria (SCHWARTZ, 2005).

Encontramos também uma forte ligação linguística entre as palavras “mito”, “mística” e “mistério”, todas derivando do verbo grego μυστήριον (musterion = mistério): fechar os olhos. Além dessas contribuições, ARMSTRONG (1996) citado por JÚNIOR (2006, p.4) indica que essas três palavras “mergulham as suas raízes numa experiência de trevas e de silêncio”.

Segundo JÚNIOR (2006) “(...) trabalhar com mística é estar a todo o momento mergulhado neste jogo dialético entre a razão e a intuição, o literal e o metafórico, e um discurso científico sobre o tema não pode desconsiderar este pressuposto” (JÚNIOR, 2006, p. 4). Dessa forma, a ótica normativa não cabe a esse fenômeno e talvez seja este um dos fatores que distancia a mística das pautas acadêmicas.

Nesta perspectiva, SCHWARTZ (2004) e JÚNIOR (2006) apontam um caminho materialista para o desvelar do aspecto místico em textos da literatura cristã e islâmica. Em sua análise, SCHWARTZ (2004) acentua que

(...) a mística parece oferecer um procedimento para desvelar certas verdades profundas da existência humana. O que ela oferece, ao final, não é uma verdade linguística, mas um caminho para descascar as camadas de ilusão e de auto-ilusão, e permitir que a presença interna não-linguística reflexivamente se revele a si mesma: a consciência mostrando-se à consciência.

Dialogando com esse conceito metodológico, JUNIOR (2006, p.5) em sua análoga, parte do pressuposto de que a experiência mística em si não pode ser compartilhada,

(...) o que nos sobra para tentar desvelar este mistério é a linguagem, ou seja, o fragmento da experiência mística que nos é permitido o acesso. E não podemos esquecer que a linguagem é construída dentro de um contexto, fazendo com que as formas que a experiência toma sejam moldadas pelo mesmo. Neste sentido é importante entender que não existe experiência mística fora de um contexto, pois a mesma é uma experiência humana, portanto, vivida pelo sujeito e, por sua vez, tem,

como condição antropológica, uma dimensão histórica, uma dimensão cultural e uma dimensão psicológica (JÚNIOR, 2006. p.5).

Como já dito anteriormente, Platão influencia diretamente o campo religioso em conceito de *mística*, quando concebe que o divino transcende nossa inteligência. Contudo, a divindade não se faz totalmente inacessível, desvelando-se à um grupo privilegiado que pode adentrar nessa esfera divina. Este conhecimento místico que transcende a inteligência é, portanto, impossível de ser definido como nos conhecimentos racionais, fazendo com que necessite então de imagens e símbolos. Desta forma, podemos afirmar que a palavra *mística* evoca dois significados: primeiramente indica a revelação da divindade, o lugar do conhecimento próprio do divino, e o outro, se aplica ao sentido secreto da linguagem que busca comunicar (SUTTER, 1987).

As concepções teológicas sobre comunicação e compreensão da divindade são também importantes apontamentos. Estes dois fatores são discutidos na teologia indicando duas concepções de divino: o Deus Catafático, sujeito da ação, e o Deus Apofático, do silêncio e do mistério (NEVES, 2009 Apud MAGALHÃES, 2015, p.44), sendo evidente que este último se integra à nossa discussão.

O Deus Apofático é aquele que se revela no mistério, por mais antagônico que isso possa parecer. A tradição apofática é promotora do silêncio, que por sua vez, é intrínseco à linguagem, permeando todo o processo. Aqui a experiência mística encontra refúgio: ela indica, através da linguagem, aspectos do divino permeada por silêncio e conduzindo ao silêncio, através da contemplação.

3. Almeida Prado e a Virgem

Mas eu acho que minha obra é mística mesmo sem usar o texto sacro, ela busca dar a quem a ouve, um estado de contemplação. A minha música tende a fazer você entrar num clima. Os melhores momentos da minha música são momentos estáticos de paz, são grandes porções, grandes praias. Ela é new wave antes da new wave. Eu já fazia música minimalista antes... (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

A experiência vivida por Almeida Prado em Medjugorje no ano de 1987, é um marco em suas obras e em sua vida pessoal. Estando na Suíça, à espera da estreia de sua Missa de São Nicolau, o compositor se sente compelido a ir a Medjugorje embora, por medo, resistia a viagem.

(...) entre a Missa, a estreia da Missa, que era em dezembro de 1987, e o ballet em outubro, eu não tinha o que fazer na Europa. Estava com dinheiro, mas aí me lembrei de Medjugorje, que eu relutava em ir, eu tinha medo (...) das exigências de Jesus, porque eu não estava vivendo uma vida de acordo, estava vivendo de um jeito oba oba e eu sabia que isso não ia me levar a lugar algum. E via Deus como um grande

caçador me espreitando, sabe como uma daquelas redes que se caçam os leões? Porque Deus é um grande caçador, ele te caça, ele te quer, malgrè, eu ia para cá ele para lá. Eu sabia que se chegasse lá e ele me pedisse para renunciar a tudo, todas as ilusões... (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

Estando na Europa, mais uma vez procurou um motivo para não ir, desafiando assim o que ele compreendia por providência do divino:

Mas ai mais uma vez arranjei desculpas, eu não posso gastar dinheiro, se eu tivesse dois mil francos, pensei, eu ia. No dia seguinte fui ao banco e lá havia dois mil francos a mais na minha conta já dos direitos autorais do ballet. Ai eu pensei: é um insulto a Providencia de Deus eu não ir. Então arrumei uma maleta e fui para a estação de trem, peguei o trem para Berna, fui à embaixada carimbei o passaporte, em geral isso leva um mês, eu consegui em dois minutos. Fui para o aeroporto peguei o avião, fui a Zagreb, peguei o trem até Mostar e cheguei as 10 h da noite e havia um homem me esperando na estação...(PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

Além de relatar sua crença na providência divina, Almeida Prado também revela acreditar na presença de figuras místicas em sua experiência, atribuindo funções dos arcanjos Gabriel e Miguel a pessoas com quem teve contato:

Ele perguntou: vai para Medjugorje? Quer dizer-São Gabriel (o arcanjo das comunicações) ou São Miguel, um anjo de Deus ali, vestido de chofer de táxi! Ele levou de táxi até lá. Eu pensava ou este homem vai me matar ou então é verdade. Ele me levou na casa de uma senhora que só falava croata. Eu dizia: sleep, dormire, recostare, dormitatum, falava em grego, a mulher nada (risadas). Aí eu disse: Nossa Senhora, já que me trouxe aqui, arranje pelo menos uma língua celta, que é pelo menos mais perto do francês que esse horror de w com z cortado de baixo para cima (o croata) não dá... Aí eu ouvi: mais non, parece que je... Aí fiquei mais aliviado - era alguém falando francês. Era a tal canadense...(PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

Esta canadense a quem o compositor se refere é Lise Baril Leclerc, famosa jornalista que se converteu ao catolicismo durante a cobertura jornalística das aparições em Medjugorje. Nesta mesma noite de chegada, aproximadamente às quatro da manhã, Almeida Prado foi acordado para participar da missa na capela das aparições.

Aí começou todo o trabalho, eu senti necessidade de confessar, de procurar soltar e as coisas que foram dando certo até que durante uma aparição senti a presença de Maria chegando perto de mim e eu estava no céu - me veio uma certeza que Deus me ama, como eu sou, e que Deus não é um tirano, que o céu é uma jubilação, não dá para entender, foram minutos que para mim pareceram anos. E naquele minuto eu tudo entendi, eu tudo perdoei. E fiquei tão perturbado que comecei a trabalhar este dom e então comecei a rezar. Ia para a colina e ficava quatro horas em oração, ia para o quarto rezar, ia andar (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

Além das sensações, na experiência mística do compositor também encontramos o relato sobre as locuções interiores ocorridas ali. Além de ouvir a voz da Virgem Maria, Almeida Prado escuta também Jesus. Essas falas provocaram nele sensações distintas entre pânico e inebriação, sendo dentro dessa atmosfera que nasce seu “Rosário de Medjugorje”

(...) ouvi a voz de Maria na cruz azul que fica na colina – que ela havia me levado lá para me entregar a Jesus e que era irreversível, que ela com muito custo tinha conseguido me levar e que tinha lutado muito com Satanás e que eu não ia mais decepcioná-la. Não vem a frase, vem uma intuição. Aí, dias depois, fui rezar numa cruz que é uma cruz de madeira, como tem em Campos de Jordão e aí Jesus falou: “Dá-me tua vida”. Aí fiquei em pânico, pensei que ia morrer. E eu disse: “toma Jesus, tudo é teu”. Eu senti uma alegria, uma jubilação, fiquei inebriado, como se tivesse tomado cinco garrafas de vinho. Fiquei rejuvenescido. Mas eu não podia por uma tenda e ficar lá e eu tive que voltar, trabalhar, etc. Fui para Fribourg e levei uma vida entre o retiro e a solidão, aquela neve e comecei a escrever o Rosário de Medjugorje e fiquei esperando a Missa de São Nicolau, a estreia da minha Missa (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

A experiência vivida ali também motivou a compor três canções baseadas num poema chamado “Notre Dame de la Route” de Eric Tillo, pai de um amigo de Almeida Prado.

Notre Dame, Vierge pure, vous etiez... Você era apenas uma medalha que eu carregava. Toda leve, rápida, doce, terna nos passos pesados do teu filho e eu te carregava como medalha alegremente. Eis que graça florida, que você vai à minha frente rápida, sobre as pedras. É meu coração te vê e escuta teus passos rápidos entre as pedras com o bastão. De seus pés, misturados na poeira, cintilando como um mistério no ar morno e palpitante. O seu manto é como um pano é um céu azul e flutua resplandecente entre as nuvens brancas e nos seus cabelos dourados, onde os trigos são olhados, a lua fina faz um desenho como um diadema de prata. Ando muito tempo em silêncio e a noite cai e as árvores em cadência balançam com o vento. Você não escuta Maria, meus passos que estão sendo ralentados? Maria, ó santa Maria escuta, eu estou te seguindo eu não aguento mais andar. Aí você veio: ela parou e na escura sombra fria e nua você me pegou pela mão e na sua plenitude, sem medo nem cansaço. Enfim, divino privilégio, no meio dos seus braços de neve, o seu amor me faz subir. E o coração palpitando, eu escuto Nossa Senhora do Caminho, o vosso coração batendo e cantando (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

Diante desta entrevista do compositor, é evidente que o compositor se enxergava como místico. Ao retornar, iniciou no Brasil o movimento para divulgação dessas aparições da Virgem. Apesar dessas duas composições mencionadas acima e de ter sido o mensageiro da Virgem no Brasil, Almeida Prado compõe mais duas obras relacionadas a Medjugorje:

E depois, eu compus já aqui no Brasil Nove Louvores Sonoros e O Jardim Final que é uma lembrança de tudo aquilo que eu passei - uma espécie de psicanálise musicada sobre tudo o que passei toda essa experiência mística (PRADO, 1988 Apud VASCONCELOS, 2007).

4. Considerações finais

É fato que as relações entre o intangível e a materialidade são de ordem complexa e demandam um aprofundamento no tema para que não beire a superficialidade da experiência entre artista e obra. A mística, entendida pelo viés literário, possui uma dimensão intangível e inteligível, sendo a própria experiência em si mesma; ao mesmo tempo que a materialização dessa experiência, dada no campo da linguagem, é aqui a concepção e organização dos sons



para recompor a atmosfera transcendente vivida pelo compositor, ou como Almeida Prado se refere “uma espécie de psicanálise musicada”.

Partindo desta fala do compositor junto da premissa de que a linguagem possui símbolos e significados, este artigo incita a investigação sobre a os elementos musicais e a forma com que Almeida Prado os distribui em suas produções.

Colabora-se desta forma, como um ponto inicial para discutir a mística do compositor e sua linguagem musical na composição dessas atmosferas tão presentes em suas obras.

Referências

DE SUTTER, A. “Misticismo” *Diccionario de Espiritualidad*, Barcelona, Editorial Herder, 1987.

VASCONCELOS, Ana Lucia. A religiosidade em Almeida Prado. 2007. In <<http://www.musarara.com.br/a-religiosidade-em-almeida-prado>> Acesso em 11/03/2020.

JÚNIOR, Reinaldo da Silva. A Mística e suas Manifestações: uma reflexão fenomenológica sobre a mística especulativa a partir dos textos de São João da Cruz e Rûmi. *Revista Sacrilegens*, v. 3, n.1, 2006, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião/UFJF. Disponível em <www.sacrilegens.ufjf.br> Acesso em 04/03/2020.

MAGALHÃES, Eugênia. *Mística e Psicanálise: Experiências do desejo e do amor do Absoluto*. 1ª Edição. Lisboa: Esfera do Caos, 2015. 207 páginas.

SCHWARTZ, Sílvia. *A Béguine e Al-Shykh: um estudo comparativo da aniquilação em Marguerite Porete e Ibn Arabi*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.